

OS TRABALHOS E OS DIAS NA ANTIGUIDADE

Homero, Hesíodo e Virgílio: olhares diversos sobre
o Homem e a Natureza.

Alves Fernandes

A proposta do nosso discurso é ampliar a variedade de tradições que compõem os fundamentos da própria condição humana. Nem os deuses nem os animais trabalham, só o homem.

Nem por isso deve o trabalho ser considerado um castigo, como os deuses, nem o contrário, o pão com o suor do seu rosto, como a punição divina ao crime da desobediência primordial. Nesse contexto, é uma dessas contradições dialéticas fundamentais da existência humana, entre a luz e a sombra, entre o real e o imaginário. Desde que o homem apareceu na face da terra foi-lhe necessário movimentar-se em busca da sua substância, enfrentando a alteridade dos elementos, das divindades e das criaturas.

2ª PARTE

sempre mais árdua ou mais amena na dependência da variedade dos climas e da variedade dos solos.

ESTUDOS

O resto é poesia e filigrana mítica de que dispõe a fantasia humana para a leitura sem fim da nossa própria existência.

Para a visão ponderada do poeta de Arca, longe da maldição e maldição, o trabalho árduo dos campos é a fonte da vida, a fonte da vida e a indispensável fonte de energia para o desenvolvimento em busca do sucesso e do bem-estar.

Se para Homero os valores do trabalho e do sucesso constituam a referência maior, como se a pátria grega, privilegiando o estamento aristocrático de Hesíodo, em Hesíodo dedica-se o eixo de sua atenção para o segmento social do mundo camponês e para a existência laboriosa do mundo do trabalho produtivo e fundamentalmente à sobrevivência da espécie.

Investindo na poesia o substrato espiritual da sua própria existência de camponês, de Hesíodo, contempla com "intelecto d'amor", de

Sânzio de Azevedo e a História da Literatura²

Carlos Gildemar Pontes³

Todos os grandes críticos e historiadores da literatura têm seus acertos e também seus equívocos. Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi, Antonio Candido e Nelson Werneck Sodré são os que escreveram a história da literatura brasileira do século XX. Têm seus seguidores e seus discípulos. Conhecê-los é fundamental para conhecermos a história da nossa literatura, nos compêndios fundamentais que, de certa forma, validaram um cânone que foi adotado pelos cursos de Letras em todo o Brasil.

Ligados a instituições nacionais como a USP, a UFRJ e o ISEB, nossos críticos atuam como modelo e consulta obrigatória nas pesquisas sobre a nossa literatura. O que não se sabe, talvez, é que esses pesquisadores têm seus contatos nos estados e muitos deles são fundamentais para o estabelecimento de nomes e tendências em nível regional.

Para nós, que vivemos longe dos grandes centros, um dos melhores exemplos que podemos dar aos nossos alunos é a angústia da influência, matéria incômoda que nos persegue desde a primeira prova, quando estudantes, até a elaboração de uma questão, quando professores. Queremos olhar no espelho e enxergar a nós (o eu e o outro) na companhia dos outros que angustiaram nossos mestres. Ainda estudante conheci Massaud Moisés, Afrânio Coutinho, Antonio Candido, Haroldo de Campos, Affonso Romano de Sant'Anna, Gilberto Mendonça Teles, Victor Manuel de Aguiar e Silva, Jean-Michel Massa, Fábio Lucas, Moreira Campos, Sânzio de Azevedo e tantos outros grandes autores da nossa literatura frequentando eventos como este. É nosso papel fomentar e proporcionar a criação de um ambiente acadêmico em que as Letras não seja apenas um curso superior, mas a realização acadêmica do futuro profissional que por aqui passa.

2 *Gazeta do Alto Piranhas*, Cajazeiras-PB, 07-13 out., 2011.

3 Escritor. Professor de Literatura da UFCG. Editor da Revista *Acauã*. gilpoeta@yahoo.com.br

É aí que entra o papel de Sânzio de Azevedo como escritor, professor, ensaísta, crítico e historiador da literatura da mais alta importância para a consagração dos historiadores citados anteriormente. Como pesquisador Sânzio tem um dos mais completos arquivos literários do Ceará e do Nordeste. A exemplo do irmão, Nirez, que é um dos maiores arquivistas do Brasil, com cerca de 150 mil itens entre discos de cera e vinil, revistas, filmes, cassetes, flâmulas, dentre objetos dos mais curiosos, Sânzio de Azevedo tornou-se um amante da memória literária. Profundo conhecedor de sua terra, Nirez alimentou estudos de pesquisadores do Brasil e do exterior. Nesse mesmo diapasão de amigo da memória, Sânzio de Azevedo é um bibliófilo que conhece a fundo a obra dos autores cearenses e nordestinos com uma intimidade de leitura que faz com que seja um dos pesquisadores mais consultados do Brasil. E como tal sabe que a preservação da literatura está além das antologias e dos manuais de história literária (hoje mascarados no Google e no Wikipédia).

Sua obra está dividida entre a historiografia literária, a crítica, o ensaio e a poesia, sendo referência para os que estudam o parnasianismo e o simbolismo no Brasil. Seu livro *Literatura cearense*, publicado em 1976, está há trinta e cinco anos esperando uma segunda edição. Como professor do Curso de Letras e do Mestrado em Letras da UFC, contribuiu para a formação de muitos professores e críticos que hoje seguem seus passos e atuam em revistas, jornais e sítios pelo Brasil.

Recebê-lo como conferencista na abertura da Semana de Letras, que homenageia uma sua conterrânea, a escritora Rachel de Queiroz, faz com que o evento se revista de um brilho e uma importância para além dos anais da história do Curso de Letras da UFCG, em Cajazeiras. Pois estamos diante de uma personalidade literária da maior relevância para as letras brasileiras e, particularmente, de um dos modelos no qual me espelharei para trilhar com orgulho a carreira das letras como professor e como amante da literatura.